

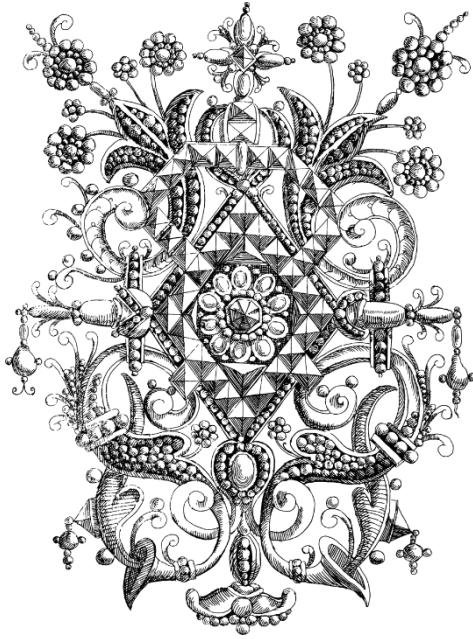
J. Brandão  
Autora do Regai as Flores Mortas

O que você não perdoa?

HARMONIAS  
SEPULTAS

*J. Brandão*

*O que você não perdoa?*



*Harmonias Sepultas*

*Ao ferido e nada mais*



“Ainda que mal pergunte,  
Ainda que mal respondas;  
Ainda que mal te entendas,  
Ainda que mal repitas;  
(...)  
Ainda que mal o saibas;  
Ainda que mal te agarre,  
Ainda que mal te mates;  
Ainda assim te pergunto  
E me queimando em teu seio,  
Me salvo e me dano: Amor.”

*“Ainda que mal” por*

*Carlos Drummond de Andrade*

*À sombra dos mortos unidos  
Que não esquecem o que eu fiz  
Eu, que tento perdoar e não consigo  
Me olhando, alegre, o morto sorri.*

*Madame Lapidária*

*Flutuando pelos cômodos. De  
sobrancelha erguida, observando-nos.  
Atenta a tudo o que fazíamos*

## *Harmonias Sepultas*

Quando eu era mais jovem, minha mãe dizia que eu devia sempre olhar o lado positivo de todas as coisas e sempre tirar uma lição de toda situação, não importando qual fosse. Isso não me parecia importante. Por baixo da expressão fria e distante, ela dizia:

— Porque se em meio à tragédia você não for capaz de absorver nada útil, significa dizer que sua situação é ainda mais deprimente e você ainda mais medíocre. Primeiro pela má sorte, segundo, pela incapacidade de sair da crise. Acontece que eu não criei filhos fracos. Não dei à luz à gente patética e esse é o único tipo de gente que não encontra luz nas trevas.

*Harmonias Sepultas*

Ela decepou a cabeça do peixe num único golpe e finalizou com a voz neutra, me apontando a faca afiada.

— Eu não criei gente assim.

Eu tinha 11 anos na ocasião. E apesar da violência dos golpes no peixe falecido, nenhum pingo de sangue alcançava o vestido longo e barroso dela. Gola alta. Um coque prendendo-lhe os cabelos rotineiramente penteados.

Entrementes, quando ela falava as palavras me soavam mais distantes do que deveriam. Me fugia a compreensão exata daquelas palavras. Minha atenção se prendia na figura dela. Naquela magreza exagerada como se os ossos fossem romper a pele, exibindo um

## *Harmonias Sepultas*

sangue quase lodoso. Denunciando sua fragilidade física muito bem escondida.

Minha mãe era o tipo de pessoa que se recusava a morrer. Ela tinha lá, o seu jeito singular de nos ensinar certas lições e nunca me escapou nada do que ela dizia. Se eu não entendesse no momento, entenderia depois. Tudo está guardado no fundo da minha mente, entre a poeira e as teias de aranha. Fato era que eu não me permitiria perder uma gota sequer de tudo o que ela me ensinara. *Resiliência, é preciso resiliência.* Ela dizia. Ela tinha essa impavidez nos passos. Essa autoridade colossal que podia ser vista quando ela plainava pelos cômodos da casa. Silenciosa e assustadora como uma bruxa do século 17.

## *Harmonias Sepultas*

Lançando vista rígida sobre tudo o que fazíamos. Observando os passos que dávamos e nenhuma mentira lhe passava despercebida. Ela sustentava essa soberania que nos fazia silenciar somente com o olhar. Pelo seu modo digno e esplêndido, era uma madame e por sua tática de ensino era Lapidária. Lapidar é a técnica de separar o ouro da rocha bruta. Afiná-lo, torná-lo ainda mais exuberante e fantástico. Limpá-lo de suas sujeiras criando assim, uma peça de excelência. Uma peça aprimorada e fascinante. Aperfeiçoada. Todavia, esse não é um processo fácil nem simples. É uma técnica complexa e fastidiosa que exige muito esforço, tanto do lapidário quanto do lapidado.

## *Harmonias Sepultas*

E esse era, sem dúvida, o tipo de criação que nós tivemos. Embora, na infância eu não soubesse. Ela nos lapidava. Afiava as nossas personalidades. Alinhava e aparava o nosso caráter. Polia nosso comportamento. Ao mesmo tempo que nos imprimia seus costumes e sua moral.

Assim, éramos suas joias, seus tesouros. Minha mãe era um livro antigo e abstruso para ser compreendido, quase inescrutável. E quando ela se aproximava, o ar em torno de nós se transformava. Fazendo-se denso como uma névoa que cega a vista.

Eu jamais serei capaz de descrever em minúcias o tipo de relação que

## *Harmonias Sepultas*

tínhamos com ela. É o tipo de relação que nos se explica.

Muitas vezes eu me arrependia do que tinha dito no exato momento em que as palavras ainda estavam sendo articuladas, como um vômito que não conseguimos segurar.

Já, na fase adulta nas primeiras sessões de terapia, eu não soube dizer quem era o paciente, quem era o terapeuta. Eu concordei à contragosto a comparecer à terapia, mas sabia que precisava entender muitas coisas então usei o pretexto da minha insônia. Não parecia uma boa ideia, mas sabia que me traria resultados. Fosse como fosse, poderia ajudar.

## *Harmonias Sepultas*

Me sentei na sala ampla com quadros confusos em paredes que entristeceriam a mais alegre das pessoas e encarei a dona terapeuta. Na primeira hora, não disse palavra. Nas sessões seguintes, deitei-me e cochilei. Não disse nada, não tinha desejo de confessar o que quer que fosse para a desconhecida. Nem perguntar-lhe nada. Enfim, diálogo com ela, eu não queria.

*Na curva sinuosa dos teus lábios, com  
qual cor tu me pintas?*

*Sou irreconhecível aos belos olhos que  
me analisam.*

*Além de ti, qual outro alguém pode me  
enxergar assim?*

## *Harmonias Sepultas*

Mas os dias foram passando e nos tornamos cúmplices no silêncio. Ela trazia o jornal e o lia enquanto eu cochilava. Depois me perguntava algumas coisas que eu respondia sem muito interesse à princípio. Essas perguntas vagas e inconscientes se tornaram hábitos, dada a desmedida repetição. É tudo uma questão de hábito.

De início, até insignificante, mas repetindo diariamente, esse hábito ganha força e se torna quase uma meia regra. Quando se nota, a conduta relapsa de antes agora é um ritual sagrado repetido esmeradamente.

Se tornando assim, uma conduta constante e robusta. As perguntas antes desinteressadas (assim, ela fazia